

Artur Rodrigo Itaqi Lopes Filho

Bacharel em Publicidade e Propaganda, Licenciado em Filosofia, Licenciando em História, Mestre em Filosofia, Mestre em História e Doutorando em História, UFPel e UNINTER.

Email: artursan@gmail.com

Adriana Silva da Silva

Licenciada em Artes Visuais, Bacharelado em Design, Pós-graduada Gráfica Digital, Pós-graduada em Experiência do Usuário e Mestre em Artes Visuais, IFSul e IDIN.

Email: drikassilva@hotmail.com

Submissão: 22/04/2021

Revisão: 28/06/2021

Aprovado: 10/07/2021

Publicação: 07/08/2021

GÊNERO E SEXUALIDADE NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: O relato de uma experiência docente e discente

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo trazer o relato da experiência docente e discente da disciplina ofertada no Instituto Federal Sul-rio-grandense de Pelotas (IFSul), junto ao curso de Bacharelado em Design, intitulado: *Gênero e sexualidade nas histórias em quadrinhos*. A disciplina buscou promover uma intensa discussão a respeito da representação de gênero e sexualidade nas histórias em quadrinhos ao longo de seus anos de publicação, assim como propôs promover o entendimento de como essa mídia reforçou alguns pré-conceitos fomentados pela sociedade de suas épocas de produção, assim como, igualmente, buscou promover alguns rompimentos com (certos) paradigmas construídos ao longo da história. Tendo como base textos e histórias em quadrinhos selecionados, a disciplina atentou em promover o desenvolvimento do discernimento crítico acerca dos estereótipos manifestos ao longo da história das histórias em quadrinhos e munir o estudante de um conhecimento histórico/filosófico que o instigava refletir, questionar e analisar esse cenário, assim como o induziu a entender, um pouco mais, sobre essa mídia e como ela veio abordando os diferentes gêneros e o espectro da sexualidade.

Palavras-chaves: Gênero; Sexualidade; História em Quadrinhos.

GENDER AND SEXUALITY IN THE COMIC BOOKS: The report of teaching and student experience

Abstract: *The present research bring the report of a teaching and student experience of the discipline offered at the Instituto Federal Sul-rio-grandense de Pelotas (IFSul), binded with the Bachelor's degree in Design, entitled: Gender and sexuality in comic books. The discipline tried to promote an intense discussion about the representation of gender and sexuality in comic books in the years of publication, as well as proposed to promote the understanding of how this media reinforced some prejudices fostered by society in their production times, thus as, equally, it sought to promote some breaks with (certain) paradigms built throughout history. Based on selected texts and comic books, the discipline sought to promote the development of critical discernment about the stereotypes manifested throughout the history of comics and provide the student with a historical/philosophical knowledge that urged them to reflect, question and analyze this scenario, as well as induced him to understand, a little more, about this media and how it has been approaching the different genders and the spectrum of sexuality.*

Keywords: Gender; Sexuality; Comic Book.



1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho pretende expor o conjunto de experiências desenvolvidas, tanto no que tange o papel docente, quanto discente, ao longo da disciplina intitulada: *Gênero e sexualidade nas histórias em quadrinhos*, ofertada no primeiro semestre do ano de 2018, no curso de Bacharelado em Design do Instituto Federal Sul riograndense de Pelotas. A disciplina foi ministrado pelo professor Artur Rodrigo Itaquí Lopes Filho e teve como propósito promover um espaço para a discussão sobre a representação, tanto de gênero, quanto da sexualidade no cenário das histórias em quadrinhos, buscando, a partir da leitura de textos (e de histórias em quadrinhos), entender como a cultura da mídia veio abordando esses temas ao longo de seu desenvolvimento histórico. Em um sentido geral, a disciplina teve um caráter historiográfico, resgatando, junto ao desenvolvimento da história das histórias em quadrinhos, algumas das (muitas) abordagens e atribuições dadas à grupos de gênero distintos, assim como às diversas expressões da sexualidade ao longo do desenrolar temporal.

Como uma disciplina voltada para a graduação, fora estimulado a promoção de um ambiente fértil para discussões a respeito da representação de gênero e da sexualidade nas histórias em quadrinhos (ao longo de seus anos de publicação). Com isso, se buscou promover um maior entendimento de como essa mídia tem reforçado pré-conceitos e, ao mesmo tempo, rompido com paradigmas construídos ao longo do desenrolar temporal, assim como foi buscado ressaltar os aspectos contextuais, os quais imprimiram características distintas na promoção da representação de gênero e da sexualidade em suas muitas produções. Tendo como base textos e histórias em quadrinhos selecionados, a disciplina pretendeu promover o desenvolvimento do discernimento crítico acerca dos estereótipos manifestos ao longo da história das histórias em quadrinhos e munir o estudante de um conhecimento histórico/filosófico que o permitisse refletir, questionar e analisar esse cenário, assim como entender, um pouco mais, sobre essa mídia e

como ela vem abordando os diferentes gêneros e os aspectos da sexualidade.

Em um âmbito formal, as aulas foram ministradas a partir dos seguintes procedimentos: exposições orais e dialogadas; discussões sobre os conteúdos a partir de textos, histórias em quadrinhos selecionados, filmes e imagens. Enquanto avaliação da disciplina, houveram dois momentos distintos, mas igualmente complementares: 1) A leitura interpretativa de uma personagem das HQs, escolhida livremente pelos estudantes, onde cada um buscou apresentar a história que circundava a criação e a produção da personagem, sua origem ficcional e aspectos (percebidos) que compunham seu imaginário, tais como traços psicológicos, conduta social, conduta sexual e outros mais. 2) Por fim, como proposta de trabalho final da disciplina, foi proposto a criação de um personagem que viesse romper com os estereótipos de gênero e/ou sexualidade apresentados pelas HQs ao longo de sua história. O projeto visou a escrita de um *concept* que descrevesse as características físicas do personagem, características psicológicas, objetivos, motivações e a contextualização de seu universo de origem. Juntamente foi pedido a entrega de um esboço da personagem, sendo necessário justificar as escolhas estéticas atribuídas à sua criação.

Assim, a disciplina decorreu seguindo o seguinte cronograma:

Aula 01	Apresentação da disciplina, da proposta de trabalho e debate acerca da questão: o que são as histórias em quadrinhos?
Aula 02	Entre apocalípticos e integrados – uma postura acerca da produção midiática (leitura do texto <i>Apocalípticos e Integrados</i> de Umberto Eco).
Aula 03	Arquétipos e Estereótipos: o que alimenta a criação? – uma maneira de pensar a cultura da mídia (leitura do texto <i>Herói de Mil Faces</i> de Joseph Campbell).
Aula 04	O imaginário e suas representações – introdução ao conceito de imaginário e como ele se manifesta no cenário das



	representações midiáticas (leitura do texto <i>Narrativas Gráficas</i> de Will Eisner).
Aula 05	As mulheres nas Histórias em Quadrinhos e o cenário pré- <i>Wonder Woman</i> .
Aula 06	A segunda guerra mundial: um cenário para o protagonismo masculino? (leitura do texto <i>She can do it!</i> de Mark Fertig).
Aula 07	Então surge a <i>Wonder Woman</i> e o discurso de liberdade e igualdade transcende a lógica do soldado (leitura do texto <i>A história secreta da Mulher-Maravilha</i> de Jill Lepore).
Aula 08	Apresentação do primeiro trabalho
Aula 09	Fredric Wertham e a Sedução dos Inocentes – o temor acerca da influência das histórias em quadrinhos (leitura do texto <i>Escola para o Crime</i> de Fredrich Wertham).
Aula 10	O Comic Code Authority – Millie, the model, Lois Lane e Batgirl como herdeiras do Macarthismo (Leitura do texto <i>Marvel Comics – a história secreta</i> de Sean Howe).
Aula 11	Então Stan Lee cria o Homem Aranha e as histórias em quadrinhos se tornam mais íntimas e viciais.
Aula 12	E os X-Men falam sobre um mundo que teme o "diferente" (leitura do texto <i>X-Men e a filosofia</i> de Willian Irwin).
Aula 13	Enfim a sexualidade entra em cena com Crepax e Manara – estereótipos

	reforçados ou livre expressão de uma intimidade exposta?
Aula 14	<i>V- for vendeta</i> – a distopia de uma sociedade conservadora?
Aula 15	Rompendo paradigmas com Adão Iturrusgarai e Laerte.
Aula 16	Alan Scott, Estrela Polar, Colossus, Constatine, Batwoman e muito mais - então a sexualidade deixa o <i>underground</i> .
Aula 17	Apresentação dos projetos finais
Aula 18	Apresentação dos projetos finais
Aula 19	Término da disciplina

Como resultado da primeira atividade, os estudantes apresentaram leituras instigantes de personagens diversos do universo das HQs como Kamala Khan³⁵, Feiticeira Escarlate³⁶, Oscar³⁷ e outros mais. E como trabalho final da disciplina, a criatividade permitiu com que eles criassem personagens que abordaram, de maneiras diversas, muitos dos paradigmas vigentes referentes ao gênero e a sexualidade. Uma *drag queen* com o poder de influenciar o humor das pessoas, curando doenças e buscando transformar o mundo; uma mãe com o peso avantajado, super-forte, impenetrável e que todos os dias comete pequenos (grandes) atos de heroísmo cotidiano; um personagem sem memória que narra as suas experiências, buscando descobrir sua própria identidade, discorre em um longo processo de mergulho em questões existencialistas, íntimas e extemamente densas; são alguns exemplos dos muitos personagens

³⁵ Personagem fictícia do universo estadunidense, vinculada a editora Marvel Comics e criada no ano de 2013.

³⁶ Personagem fictícia do universo estadunidense, vinculada a editora Marvel Comics, criada no ano de 1964.

³⁷ Personagem fictícia do universo japonês, originalmente publicada como protagonista do mangá intitulado: Rosa de Versalhes (Versailles no Bara), no ano de 1979.



desenvolvidos pelos estudantes ao longo dessa disciplina. Para fins de objetividade em um artigo (limitado), passaremos a abordar o movimento que estimulou o desenvolvimento da disciplina, a fundamentação teórica que embasou a mesma, assim como apresentaremos, ao término do mesmo, um dos muitos trabalhos finais, para fins de exposição dos resultados consequentes dos estudos desenvolvidos.

2. COMO SURTIU A DISCIPLINA - GÊNERO E SEXUALIDADE

A disciplina em questão surgiu, enquanto ideia, quando cursando a disciplina *Gênero e sexualidade*, ministrada pela professora Carolina Kesser³⁸, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. Na disciplina, muito se debatia acerca da leitura que diversos grupos sociais, ao longo do tempo, promoviam acerca de gêneros distintos, assim como dos aspectos da sexualidade atrelados a esses mesmos grupos, tal como, no ocidente, o entendimento de que a mulher deve ser recatada e manter sua virgindade para um futuro desfrute de seu consorte e, em oposição, a compreensão, muito difundida, de que o homem, por sua vez, deveria apresentar uma sexualidade ativa, assim como um papel de dominância. Dentre as muitas abordagens trabalhadas pela disciplina, um texto nos despertou um considerável interesse: *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995), da historiadora estadunidense Joan Scott³⁹.

A autora, em seu trabalho, ressalta a importância de se estudar o gênero enquanto categoria a ser concebida pelos estudos da historiografia, visto fato de a própria concepção das categorias clássicas binárias (masculino e

feminino), trazerem consigo um imaginário singular, o qual influencia a própria documentação histórica produzida em contexto diversos. Vejamos as palavras da autora:

Na sua utilização mais recente, o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. (SCOTT, 1995, p.72).

Em continuidade a sua exposição, a autora referencia o trabalho de Natalie Davis⁴⁰, buscando ressaltar a necessidade de se avaliar o gênero como uma categoria distintiva, o qual carrega em si um vasto conjunto de características atribuídas a este, sempre em acordo com o contexto de sua elaboração e sustento. Em outras palavras, para a autora, a categoria de gênero deve ser entendida em sua especificidade, desassociando deste todo o conjunto de atribuições, muitas vezes preconceituosas, os quais imputam uma espécie de natureza implícita a composição dos muitos gêneros. Em acordo com Scott, atrelado ao papel social – muitas vezes alimentado por culturas diversas que, por sua vez, imputam a grupos distintos um papel determinado – temos um vasto código de condutas atrelados ao papel de gênero em meio a contextos diversos e que acabam por implicar em práticas de representação de grupos por deveras tendenciosas, o que pode vir

³⁸ Professora e pesquisadora vinculada a Universidade Federal de Pelotas, pós-doutora em arqueologia.

³⁹ Importante historiadora estadunidense, nascida no ano de 1941.

⁴⁰ Historiadora canadense-estadunidense, nascida no ano de 1928 e protagonista nos estudos de gênero no âmbito dos estudos historiográficos.



a influenciar no juízo e no modo em que passaremos a conceber o outro.

Como um eco (referencial) presente na abordagem de Joan Scott, a obra *O segundo sexo* (2009), de Simone de Beauvoir⁴¹, escrita, originalmente no ano de 1945, ressalta a mesma preocupação e, igualmente, reforça o mesmo alerta dado por Scott. Para Beauvoir a ideia de mulher, assim como de homem, decorrem de uma construção social, a qual atribui a duas formas biológicas distintas (que se baseia na formação física dos corpos, em estrito, a posse de um pênis ou vagina), uma determinada conduta social diretamente, associada a uma espécie de natureza implícita a essa condição. Acompanhem as palavras de Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (BEAUVOIR, 2009, p.235)

Conforme as palavras da autora, ninguém nasce mulher: torna-se mulher, o que significa que, o gênero feminino, em síntese, corresponderia a um conjunto de ideias imputadas a um determinado grupo, que nesse caso, corresponderia aquelas que, segunda a autora, seriam as castradas, isto é, aquelas que estariam em oposição ao macho, portanto, o responsável pela determinação do conjunto de valores atribuídos ao outro. Por outro lado, poderíamos expandir a própria definição de Beauvoir e universalizar tal espectro, entendendo que toda construção de gênero, tanto aquela atribuída ao feminino, quanto aquela atribuída ao masculino, constituem um processo de atribuição ao outro do que, em tese, deveria conferir a sua própria

natureza. Corroborando com a posição de Beauvoir, no que tange o feminino, o masculino seria o determinante das atribuições que, por sua vez, colocariam a mulher como dotada de uma posição social de inferioridade ao masculino; por consequência (e expandindo a perspectiva da autora), o masculino atribuiria a si uma armadilha, a qual instigaria ao próprio homem uma (necessária) conduta ideal, condicionando, muitas vezes de maneira violenta, os muitos sujeitos que se encontraria nessa categoria, a submissão àquilo que conferiria o papel de um (verdadeiro) homem.

Frente as discussões promovidas, o *insight* para a disciplina se fez enaltecer enquanto questão: *como o processo de construção de gênero, assim como de sexualidade é manifestado na cultura da mídia, em específico, como é explorado tais concepções no cenário das histórias em quadrinhos? Em resumo, como as representações do masculino e do feminino nos apresentam, mesmo que em eco, a concepção de um determinado contexto acerca do gêneros distintos, assim como de sua sexualidade?*

3. UMA METODOLOGIA DE ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS

Frente aos questionamentos despertados, passamos a entender que toda concepção valorativa construída (e sustentada) acerca do outro (entendido como um símbolo do diferente), passa por um processo de estereotipação, o qual estabelece, a esse, um padrão que, por sua vez, permite o desenvolvimento de um *modus operandi* confortável (claro, para aquele que promove a estereotipação). Desse modo, aquele que promove a estereotipação do outro se aloca em uma posição estrutural/basal, no sentido de ser ele a representação de um padrão fundacional e, por

⁴¹ Filósofa francesa, protagonista nos estudos de gênero, da sexualidade e um dos expoentes da corrente de pensamento existencialista francês.



consequência, o outro, passa a ser considerado sua face degenerada ou, em outras palavras, aquilo que foge ao padrão estabelecido. Assim, a atribuição de padrões

determinantes na concepção do outro

(estereotipação), acaba por passar, do mesmo modo, por um processo de juízo valorativo, o qual julga o outro e estabelece, ao mesmo tempo, um modelo

representacional. Por fim, tal modelo acaba por balizar as muitas manifestações contextuais, possíveis de serem observados ao longo do desenrolar temporal: seja em piadas, programas de televisão, rádio, cinema, músicas, pinturas, esculturas, obras literárias e, inclusive, histórias em quadrinhos.

Em se tratando das questões de gênero e da sexualidade, o estereótipo se faz enaltecer e, nos parece evidente, quando passamos a observar a produção das histórias em quadrinhos de uma época e encontramos personagens heterossexuais se tornando mais comuns que outras diversas manifestações de sexualidade existentes; homens esbeltos, fortes, conquistadores, dominantes, aventureiros serem mais comuns que mulheres com tais características; e, em oposição, mulheres extremamente sensuais, que almejam um parceiro amoroso, ingênuas e raramente protagonistas serem comuns em muitas produções. Esse processo, nos permite conceber o contexto como o lugar donde interpretações (valorativas) são concebidas, manifestas enquanto representação, toda vez que

alguém (ou algum grupo) desenvolve uma produção qualquer (LOPES FILHO, 2019).



Figura 1: Padrões de referência de estereótipos. Fonte: EISNER, Will. *Narrativas gráficas*. São Paulo: Veneta, 2005. p. 23.

Corroborando com nossa perspectiva, Will Eisner⁴², ressalta que os estereótipos compõem o imaginário de contextos diversos, sendo alimentados por crenças, valores, ideologias e demais concepções subjetivas, formando padrões que, muitas vezes, influenciam e determinam a produção de uma época. Conforme o autor escreve em sua obra *Narrativas Gráficas* (2005):

A arte dos quadrinhos lida com reproduções facilmente reconhecíveis da conduta humana. Seus desenhos são o reflexo no espelho, e dependem de experiências armazenadas na memória do leitor para que ele consiga visualizar ou processar rapidamente uma idéia. Isso torna necessária a simplificação de imagens transformando-as em símbolos que se repetem. Logo, estereótipos. (EISNER, 2005, p.21).

Em se tratando do universo das histórias em quadrinhos, os estereótipos nos auxiliam no entendimento de situações, ainda que, muitos desses, se encontrem embebidos em um conjunto de valores preconceituosos e depreciativos do outro.

Independente disso, nos é possível entender que os estereótipos acabam, muitas vezes,

⁴² Importante referência nos estudos das histórias em quadrinhos, nascido no ano de 1917, com data de falecimento no ano de 2005.



fomentando nossas concepções particulares, alimentando nosso particular conjunto de representações e, igualmente, nos munindo de um arcabouço conceitual, o qual nos permite reconhecer, na imagem apresentada, mesmo que estereotipada (e, muitas vezes, preconceituosa), um padrão, que quando reproduzido a exaustão, incuti no imaginário de uma época, uma ideia de verdade inerente, isto é, substituindo (muitas vezes) a sutileza da subjetividade particular, por um padrão universal.

Com isso, não nos é surpresa encontrar um conjunto de mulheres padronizadas e, igualmente, homens padronizados, reproduzindo uma estética e um vasto conjunto de condutas igualmente padronizadas, em acordo com o contexto de sua produção. Assim, nos caberia apenas estabelecer um processo metodológico de análise para ser aplicado na leitura das histórias em quadrinhos, a fim de observar como o gênero e a sexualidade passaram a ser representados enquanto estereótipos de contextos diversos.

Desenvolvemos, portanto, uma **metodologia para análise de representações contextuais**, a qual compreende dois grandes pontos:

- 1) **Compreensão do contexto**, que compreende a imersão no universo que compõe da produção, sendo necessário duas abordagens distintas:
 - 1.1) **Histórico contextual**, o qual exige um trabalho de pesquisa, a fim de ter uma aproximação do cenário político, social, econômico, ideológico, religioso, cultural e valorativo do complexo que compunha o cenário de produção de um determinado lugar ou época. Esse ponto de aproximação, nos oferta um maior entendimento do universo, no qual a produção fora concebida;
 - 1.2) **Histórico de produção**, o qual, por sua vez, exige um trabalho de

pesquisa que objetiva compreender o espaço concreto da produção, composto por autores envolvidos no processo de criação, mercado e sua influência na produção, assim como outras variantes que podem ter vindo a influenciar, direta ou indiretamente, a produção a ser analisada.

- 2) **Processo de análise**, que, basicamente, consiste em uma etapa de leitura da produção em questão, com o objetivo de conhecer e reconhecer o conjunto de valores manifestados nas representações que a compõe. Para tanto, existem três momentos para o desenvolvimento dessa etapa:
 - 2.1) **Entendimento sensível**, que consiste na leitura livre da produção. Momento em que hipóteses são erigidas e concepções ajuizadas são apontadas, claro, respeitando os pontos que compõe a etapa anterior;
 - 2.2) **Entendimento formal**, o qual exige uma leitura um tanto técnica da cena representada, do texto analisado ou de uma imagem em específico. Momento em que o detalhamento e o destrinchamento de minúcias se faz importante, para que deles, indícios sejam resgatados, nos dando um caminho para a compreensão dos valores intrínsecos a representação (que, muitas vezes, são condizentes com aquilo previamente levantados na etapa 01);
 - 2.3) **Entendimento crítico**, onde, por fim, é aplicado um conjunto de questionamentos que versarão com aspectos estéticos/cosméticos, assim como ideológicos/valorativos manifestados no conjunto de representações que compõe a produção.

Munidos de tais concepções e de um modelo metodológico aplicável, passamos a observar a história das histórias em quadrinhos e promover diversas leituras acerca das muitas produções que



compõe esse vasto universo. Aos poucos, fomos nos aproximando de edições distintas, produzidas por editoras (igualmente) distintas e percebemos que, em períodos diversos, decisões editoriais acabavam por instigar a manutenção de aspectos físicos e psicológicos, os quais representavam, por sua vez, características clássicas do feminino, tanto quanto do masculino. A fragilidade, a sensualidade e a ingenuidade atribuída em repetição ao feminino, er contraposta a coragem, a força e a sapiência atribuída ao protagonismo masculino, sem mencionar a permanente exploração de uma heterossexualidade estereotipada, a qual insinuava, em repetição, uma necessária ligação (sexual), quase que natural entre o masculino e o feminino. Vejamos o exemplo utilizado em sala de aula:

No período posterior ao término da Segunda Guerra Mundial⁴³, por exemplo, a cultura das histórias em quadrinhos estadunidenses deixaram de explorar o cenário de guerra, em contraponto, histórias que reforçavam um (ideal) *american way of life*, clamavam por um retorno a um período de paz. Assim, muitas produções passaram a reforçar narrativas que exploravam o universo do entretenimento baseado na exposição de uma

sociedade padrão, onde homens e mulheres apresentavam condutas ideais, condizentes com uma sociedade imaginada (LAWRENCE; JEWET, 2002). Observem a Figura 2:



Figura 2: Capa da edição de Millie, the model #17, 1948. Fonte: Comic Vine, s/d. .

Diante dessa imagem, podemos iniciar com uma descrição formal, que consiste na capa da revista *Millie the model*, história em quadrinhos voltada para o público feminino infanto-juvenil da editora Marvel Comics. A edição de número 17, de abril de 1948, traz a imagem da jovem modelo (Millie), posando para que um pintor (Smedley), que, por sua vez, aparentemente se encontra focado em fazer uma pintura da personagem protagonista. Em tom de piada, o pintor (Smedley), denota um grande interesse (sexual ou amoroso) pela modelo, reforçado pelos corações em seu entorno, o levando errar a tela e pintar (com seu pincel) o rapaz ao lado da tela de pintura.

Reforçando sua não-atenção no ato de pintar, o rapaz pintado pelo pintor (Smedley), o interpela questionando: “Smedley! Você tem certeza que sua mente está no seu trabalho?”⁴⁴. Em resposta, o pintor (Smedley) afirma, com o rosto aparentando um demasiado encanto (sexual ou amoroso) pela protagonista, dizendo: “E como!”⁴⁵.

⁴³ Posterior ao ano de 1945.

⁴⁴ Tradução livre dos autores acerca da frase: “Smedley! Are you quite shure your mind is on your work?”.

⁴⁵ Tradução livre dos autores acerca da frase: “And how!”.



Expandindo o campo de observação para um aspecto informal, apenas essa imagem já nos seria o suficiente para pensarmos na construção das figuras, tanto do feminino, quanto do masculino, ao menos no que tange o contexto estadunidense da década de 1948. Essa capa, destaca o papel de objeto de desejo exercido pela mulher que, ao exercer seu ofício de modelo, desconcentra o pintor, o qual, por sua vez, desvia a atenção de seu trabalho para atender a desejos amorosos/sexuais, quase que de imediato. Essa capa acaba por reforçar o estereótipo de homem sexualmente ativo e de mulher enquanto objeto de adoração/conquista.

Não estranho, a capa da edição de número 65 da revista *Captain America*, história em quadrinhos de super-heróis, voltada para o público masculino infanto-juvenil, de janeiro de 1948, igualmente, reforça valores similares aos apresentados na capa da revista *Millie the model*, do mesmo ano. Vejamos a imagem:

Na capa em questão, o herói protagonista (Capitão América) é colocado empurrando seu parceiro de combate ao crime (Bucky), ao mesmo tempo em que passeia com uma moça. Em destaque,

a fala de seu parceiro (Bucky), clama ao herói (Capitão América): “Capitão, não! Para... por favor, Capitão, não me abandone depois de todos esses anos! Ela não é boa para você Capitão, isso tudo é uma armadilha!”⁴⁶. Aparentando desdém ao seu companheiro (Bucky), o herói (Capitão América) responde, aparentando virilidade em seu discurso ao dizer: “Cai fora, pequeno! Você estragou meu estilo por muito tempo! Estou por minha conta de agora em diante! E cuidado com o que você diz sobre minha garota, também, viu?”⁴⁷.

Ressaltando um desequilíbrio emocional por parte da personagem protagonista (Capitão América), a capa apresenta a mulher (que no caso é uma vilã), como o objeto de desvio de conduta de uma personagem que possui um histórico de patriotismo e,

igualmente, de companheirismo com seu aliado mais próximo, Bucky, o qual, por sua vez, acaba por ser desdenhado, visto o fato de, agora, o Capitão América estar acompanhado de alguém, como ele mesmo anuncia, a sua garota. Atentando em mostrar a mulher como a causadora do rompimento de uma amizade entre o Capitão América e seu (mais fiel) aliado, a capa destaca o papel da mulher, mais uma vez, como aquela que causa um desvio de conduta



Figura 3: Capa de *Captain America* #65, 1948. Fonte: Read Comic Online, s/d.

⁴⁶ Tradução livre dos autores acerca da frase: “Cap, don’t! Stop... please, cap, don’t walk out on me after all these years! She’s not good for you, cap... It’s all a trap!”.

⁴⁷ Tradução livre dos autores acerca da frase: “Beat it, small fry! you’ve cramped my style for too long! I’m on my own from now on! And watch out what you say about my gal, too, see?”.



do homem que, em contrapartida, é apresentado como alguém que perde toda sua centralidade quando diante do objeto de sua paixão ou desejo.

Esses são alguns dos muitos exemplos possíveis de serem abordados em anos distintos de publicações de histórias em quadrinhos ao longo de seu vasto período de publicações. Poderíamos expandir as análises, abordando a estética, assim como a cosmética atrelada as representações do homem e da mulher nessas mesmas capas apresentadas, os músculos, as expressões faciais, as curvas, as maquiagens, os olhares, os seios e mais, e frente a tudo isso questionar: *por que dessas escolhas representacionais?*

Enquanto disciplina, fora abordado um vasto conjunto de imagens de anos distintos da vasta história das histórias em quadrinhos, sempre buscando instigar nos alunos, um olhar que remetesse ao contexto de suas produções, permitindo com que o entendimento de uma época, assim como de suas respectivas concepções acerca do gênero e da própria sexualidade, fossem acessados e, com isso, as histórias em quadrinhos fossem compreendidas como manifestações representacionais. Assim, chegamos ao entendimento das histórias em quadrinhos como um conjunto de estereótipos que ilustram, a sua maneira, o contexto de sua produção.

3. ROMPENDO COM PARADIGMAS: O RESULTADO DE MUITA DISCUSSÃO

Com isso, chegamos ao projeto final da disciplina: tentar produzir uma personagem que viesse romper com os paradigmas dos estereótipos (comuns), observados ao longo da história das histórias em quadrinhos. Dentre os muitos personagens apresentados, buscaremos expor uma personagem, a qual ilustra, enquanto síntese, o resultado da disciplina proposta.

O projeto foi desenvolvido pela estudante Adriana Silva da Silva, a qual teve, enquanto inspiração, algumas das muitas postagens motivacionais, comumente encontradas nas redes sociais que, por sua vez, ressaltam a particularidade do sentimento vivido e a inviabilidade de um pleno entendimento deste por parte do outro.

Em sua apresentação, Adriana trouxe alguns exemplos, como a apresentado na Figura 4:

A postagem em questão, trata de parte da música Ame Mais, Julgue Menos da artista Marcela Taís e ressalta, em tom de afirmação, a particularidade de um sentimento. O trecho aponta que a dor e as lutas vividas por alguém não podem ser compreendidas, em sua profundidade, por ninguém, denotando que tais emoções carregam consigo uma experiência única e indivisível. Em uma espécie de clamor, a postagem ressalta, ao fim, para que amemos mais e julguemos menos, num sentido de alerta, como que

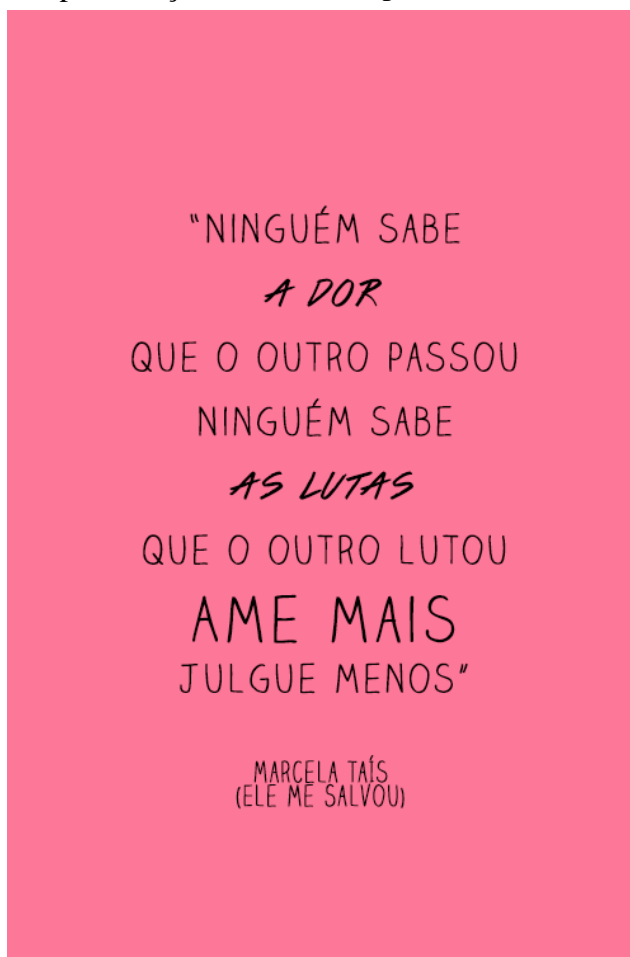


Figura 4: Postagem de parte da música Ame Mais, Julgue Menos de Marcela Taís.

Fonte: <https://www.facebook.com/501014499915149/photos/a.501026466580619/1536730996343489/?type=3&theater>



criando um sinônimo entre o amor e a compaixão, contrapondo ao julgamento, aqui, aparentemente, compreendido como algo negativo. Em síntese, poderíamos afirmar que a postagem usada como exemplo reforça a particularidade da vivência, criando um distanciamento entre o eu e o outro, cabendo ao outro apenas vislumbrar as emoções alheias, ter compaixão ou condenar, mas nunca compreender em profundidade tal vivência.

Tendo tal premissa como ponto de partida, Alison foi criada, personagem britânica que passara por uma situação traumática e que iniciara sua história com um total desconhecimento sobre si. Em sua apresentação, Adriana escreveu:

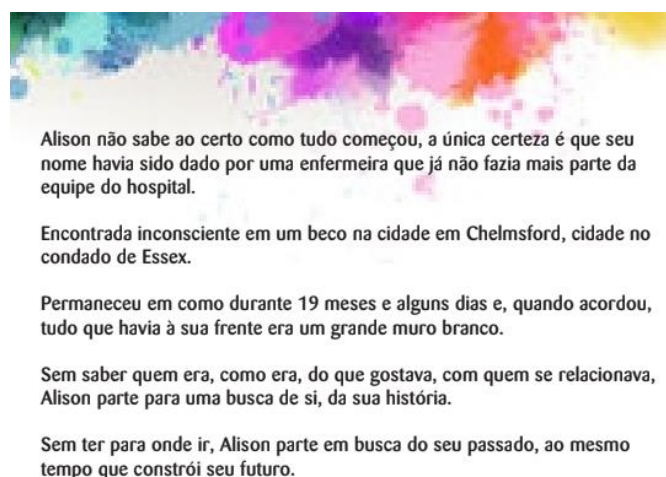


Figura 5: Recorte de slide de Adriana Silva da Silva sobre Alison. Fonte: Acervo Pessoal

Tratando de uma personagem que não possui nenhum conhecimento sobre seu passado, incluindo gostos, desejos, anseios e mais, foi buscado destacar a experimentação como fio condutor de sua narrativa. Desse modo, a personagem, por não se conhecer, teria nas experiências vividas, a partir do momento de seu despertar, um mergulho, por deveras revelador, no universo (misterioso) de sua própria particularidade. Em outras palavras, a personagem teria, na experimentação, um universo de descobertas.

Dando destaque para a experimentação, a narrativa de suas histórias versariam, sempre, com situações donde a personagem tivesse de lidar com situações diversas, das mais simples as mais

complexas, sem recorrer a um imaginário moral pré-estabelecido, isto é, sem uma estrutura basal que viesse dar suporte a suas avaliações morais. Nesse sentido, a história discorreria de acordo com o conjunto de aprendizados que Alison acumularia sobre si mesmo, em decorrência de suas (muitas) possíveis experiências.

Outro fator crucial a ser destacado acerca da personagem é que a narrativa se daria (sempre) em primeira pessoa, nunca revelando a forma física da personagem. Com isso, o leitor das histórias em quadrinhos não teriam uma ideia clara acerca de padrões de gênero, tão pouco uma expectativa pré-construída relativa a sua sexualidade. Assim, Alison, por se configurar um mistério (inclusive para si mesmo), provocaria, em sua narrativa, um constante debate acerca de como concebemos determinadas condutas enquanto características inerentes (ou atribuídas) à gêneros distintos, inclusive no que tange a sexualidade. Em sua apresentação, Adriana destacou:

Despida dos costumes e hábitos que constroem um gênero, Alison passa a construir-se a partir de um processo de experimentação da vida.

Assim, a narrativa assume a postura não de medir a personagem pela sua representação, mas pelas atitudes, escolhas, vivências, trazendo à superfície problematizações comuns, invalidando questionamentos como: o que um homem ou mulher faria nesta situação, mas sim, o que uma pessoa faria.

Figura 6: Recorte de slide de Adriana Silva da Silva sobre Alison. Fonte: Acervo Pessoal

Rompendo paradigmas e despertando reflexões, Alison instigaria o leitor a refletir sobre sua própria fundamentação moral, a qual ajuíza condutas em acordo com padrões de gênero e exige, tanto quanto condena (em dada medida) a conduta sexual de muitos ao apontar estar em acordo ou não com este ou aquele gênero. Enfim, Alison proporcionaria, enquanto proposta, um constante estado de reflexão sobre si mesmo, algo que seria vivido pela personagem, em sua narrativa e, igualmente, vivido pelo leitor ao se deparar com (alguns de) seus (muitos) pré-conceitos fundacionais.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto conclusão, a disciplina trouxe resultados positivos, tanto aos estudantes quanto ao professor. As discussões que foram desenroladas nas muitas aulas ministradas forma instigantes e nos levaram a enxergar a produção das histórias em quadrinhos como um universo de representações (de seus respectivos contextos de produção) extremamente rico, os quais nos levaram a ter um vislumbre, ainda que genérico, acerca do período de suas produções, sobretudo, sobre o imaginário construído historicamente acerca do gênero e da sexualidade.

Infelizmente, com os limites de um artigo, não foi possível explorar as peculiaridades das produções analisadas e de seus respectivos contextos. Igualmente, tivemos de limitar a aplicação do processo metodológico a um único (e breve) exemplo de comparação, deixando de aprofundar um grande número de trabalhos que foram analisados. Por fim, o trabalho da Adriana Silva da Silva foi um dos muitos trabalhos finais que exploraram a diversidade, buscando romper com padrões estabelecidos de gênero e sexualidade na contemporaneidade e, pelo mesmo motivo de limites de escrita, tivemos de optar em não apresentar outros dos muitos trabalhos interessantes que foram desenvolvidos.

Por fim, a disciplina nos despertou reflexões instigantes de como, em cada período distinto da história, o gênero e a sexualidade era representado e, igualmente, explorado. Através da disciplina, entendemos que as muitas personagens que compõem a história das histórias em quadrinhos ecoam determinadas concepções acerca da conduta ideal referente aquilo que consiste ser um homem e uma mulher, assim como introduz um determinado juízo acerca dessas mesmas condutas, no sentido de ovacionar e, igualmente, condenar posições entendida por corresponderem a uma (verdadeira) mulher e, também, aquelas referentes a um (verdadeiro) homem, sobretudo, quando se tratando da conduta sexual e sua livre manifestação.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.
- LAWRENCE, John S.; JEWET, Robert. **The myth of the american superhero**. Cambridge: Eerdmans Publishing Company, 2002.
- LOPES FILHO, Artur R. I. **O Capitão América enquanto representação (valorativa) da Segunda Guerra Mundial (1941-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, 2019, 158p.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, Vol.20, nº2, p.71-99, Julho, 1995.

Como citar este artigo:

LOPES FILHO, Artur Rodrigo Itaqi; SILVA, Adriana Silva da. Gênero e sexualidade nas histórias em quadrinhos: O relato de uma experiência docente e discente. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.3, n.5, p. 81-92, jan.jun. 2021.